



GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

ATIVIDADE
DE RESGATE
COM CORDAS



GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS NO ESTADO DE SANTA CATARINA

ENDEREÇO

Rua Jaguaruna, 13 | 89201-450 - Centro | Joinville- SC

CONTATOS



47 | 3431-1134



contato@abvesc.com.br



www.abvesc.org.br



abvesc.oficial



abvesc



abvesc_oficial



GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

NÚMERO DA GPO

09

ÁREA DE APLICAÇÃO

OPERAÇÃO

TÍTULO DA GPO

RESGATE COM CORDAS

PUBLICAÇÃO

JUNHO/2023

APROVAÇÃO E EDIÇÃO

ATA DO COTEC N° 04 DE 20 DE JUNHO DE 2023

PALAVRA-CHAVE

CORDAS

ELABORAÇÃO

COMITÊ TÉCNICO - COTEC

CONTATOS

contato@abvesc.com.br

(47) 3431-1134

REPRODUÇÃO

Este documento foi redigido, editado e publicado pelo Comitê Técnico (COTEC) da Associação dos Bombeiros Voluntários no Estado de Santa Catarina (ABVESC). É vedada sua distribuição, republicação e reprodução por qualquer meio, seja impresso, eletrônico ou digital, sem a respectiva citação da fonte conforme as disposições da Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre direitos autorais.



GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

SUMÁRIO

1. Objetivo	
2. Premissas do atendimento e princípios gerais de segurança	05
3. Contextualização	
4. Prioridades de segurança na cena	
5. Composição do trem de socorro	07
6. Equipamentos	08
7. Armazenamento de equipamentos	09
8. Cordas	10
9. Mosquetões	13
10. Cintos ou cadeirinhas	14
11. Dos materiais mínimos necessários	15
12. Procedimentos práticos de segurança	
13. Erros a serem evitados	16
14. Observação gerais	
15. Referências	17

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL – GPO

RESGATE COM CORDAS

1. OBJETIVOS

Orientar as corporações de bombeiros voluntários filiadas à ABVESC quanto a:

- Coordenação e execução operacional do serviço de resgate com cordas.
- As premissas e princípios que devem ser adotados no atendimento de ocorrências, treinamentos e organização de equipamentos destinados ao resgate com cordas.
- Serviços que demandem técnicas de resgate com cordas e quaisquer atividades que envolvam risco de queda.

Materiais necessários para resgate com cordas e técnicas de resgate.

2. PREMISSAS E PRINCÍPIOS GERAIS DE SEGURANÇA

Deverão ser observados os seguintes aspectos mínimos:

- As ocorrências envolvendo resgate com cordas devem ser gerenciadas por meio da distribuição de responsabilidades e integração com outros órgãos;
- Estabelecer Sistema de Comando e Operações (SCO), nos padrões da Defesa Civil estadual de SC quando se fizer necessário;
- A execução de atividades com cordas para resgate ou manutenção de instalações, só podem ocorrer com os envolvidos devidamente ancorados a uma linha de vida que os proteja de quedas;
- Sempre que possível, a ancoragem dos envolvidos deve servir primariamente como um limitador da exposição ao risco de queda e não como um contendor em caso de queda, embora sua resistência e da respectiva ancoragem devam possuir solidez necessária para essa função;
- Todos os integrantes de corporações filiadas à ABVESC devem se engajar ativamente na promoção da segurança do resgate com cordas, seja pela dedicação à sua própria capacitação e atualização, seja pela vigilância e intervenção em atividades presenciadas que julguem inseguras.
- Nenhum atendimento ou treinamento desta área poderá ser realizado ou ministrado por apenas um bombeiro;
- O método de checagem de equipamentos e sistemas conhecido como “4 olhos” jamais deve ser ignorado, este método consiste em mais de um resgatista fazer a checagem visual completa;
- Nenhum resgatista poderá estar conectado à um sistema sem autonomia de

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL – GPO

RESGATE COM CORDAS

equipamentos para descender e ascender, permitindo assim se auto resgatar na maioria das situações;

- Em ambiente vertical a corda de segurança ou backup de segurança ou segunda via ou sistema redundante é obrigatória.

2.1 Conceitos mentais

- Se estiver extenuado, não realize trabalhos envolvendo altura, outro integrante da guarnição poderá executar o serviço;
- Nervosismo e intranquilidade atrapalham. Pare e tranquilize-se para a execução do serviço ou solicite a outro integrante da guarnição para realizá-lo;
- Solicite ajuda sempre que necessitar, não espere que a situação se agrave;
- Todos nós cometemos erros, portanto, devemos ser acompanhados e ter nossos procedimentos checados, isto vale para todos os bombeiros dos menos aos mais experientes;
- A prática e o treinamento constante aumentam a segurança e reduzem drasticamente a possibilidade de erros em situações de emergência.

2.2 Conceitos físicos

- Instale linhas de segurança ou linhas da vida. Todos os bombeiros na zona de risco ou área vermelha devem estar ancorados;
- Utilize sempre o EPI completo: capacete, cinto, luvas e dois autosseguros;
- Cheque constantemente todo o equipamento;
- Utilize sistemas redundantes, como por exemplo, mais de uma ancoragem.

2.3 Conceitos de equipe

Determine um integrante da equipe ou do grupo de treinamento para revisar e fazer cumprir todos os procedimentos de segurança. Esta função deve ser passada para um integrante da equipe que possua boa experiência e que não seja o comandante, pois este estará preocupado com a estratégia, tática e segurança da operação como um todo.

2.4 Conceitos de prioridade

Muitos bombeiros durante o atendimento a emergências, ignoram sua própria segurança em detrimento da segurança da vítima. Primeiro cheque sua segurança e tenha certeza de que está realizando uma manobra segura, revise a segurança dos outros integrantes da equipe e só então inicie o acesso, imobilização e remoção da vítima.



GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

Antes de iniciar qualquer serviço devemos nos perguntar se a ocorrência se trata de um resgate ou de uma recuperação. Não é prudente colocar um integrante da equipe de resgate em risco desnecessário para recuperar um corpo, pode ser melhor esperar até que o local esteja mais seguro, esperar a chegada de equipamentos mais apropriados ou a chegada de equipes de apoio ou especializadas.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

Devido a inexistência de Norma Brasileira com abordagem referente às operações de resgate com cordas, convencionou-se que o conceito de altura mais adequado é o que nos traz o inciso 35.2.1 da NR 35 (Norma Regulamentadora N°35):

35.2.1 Aplica-se o disposto nessa Norma a toda atividade com diferença de nível acima de 2,0m (dois metros) do nível inferior, onde haja risco de queda.

4. PRIORIDADES DE SEGURANÇA NA CENA

- Segurança dos bombeiros;
- Segurança das demais pessoas envolvidas no cenário do resgate;
- Segurança dos populares (plateia);

Segurança de possíveis vítimas.

5. COMPOSIÇÃO DO “TREM DE SOCORRO” INICIAL

- 01 veículo com os equipamentos de resgate com cordas;
- 01 UR (unidade de resgate tipo ambulância) na cena, com socorristas em prontidão;
- No mínimo dois (02) resgatistas atuando na operação com cordas, ideal quatro (04) ou mais.

Observação: caso a UR tipo ambulância seja o veículo que também armazena/transporta os equipamentos de resgate com cordas, ou seja, único veículo da cena, é primordial que além dos resgatistas seja composta por socorristas que ficarão de prontidão.

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

6. EQUIPAMENTOS

As operações de resgate com cordas utilizam uma infinidade de equipamentos de diferentes marcas e utilidades, dentre esses podemos citar:

- Cordas
- Mosquetões
- Cinto/Cadeirinha
- Luvas
- Cordelete
- Capacete
- Bloqueadores
- Lanterna
- Rádio comunicador
- Fitas
- Cintas
- Proteções
- Talabarte
- Longe
- Polia
- Estribo
- Ascensores
- Descensores
- Placas de ancoragem
- Destorcedor
- Triângulo de resgate
- Tripé
- Mochila
- Macas

As Normas Brasileiras Regulamentadoras (NBR) versam sobre equipamentos de proteção individual e proteção contra quedas, sob o enfoque da segurança do trabalho, cuja fabricação, em conformidade com essas normas, é indicada pelo Certificado de Aprovação (CA). Embora atendam suficientemente aos ambientes de trabalho, como os da construção civil e da indústria, não contemplam atividades de resgate, para as quais são consideradas inadequadas, razão pela qual valemo-nos de normas internacionais de consenso para especificação e aquisição de equipamentos.

✓ NFPA - 1983 Standard on Fire Service Safety Rope and Systems Components, revisada em 2001, versa sobre equipamentos de resgate em altura utilizados por bombeiros. A NFPA não certifica equipamentos; a certificação é realizada por laboratórios de teste independentes e idôneos, como o Underwrites Laboratories (UL) ou o Safety Equipment Institute (SEI).

✓ A União Internacional de Associações de Alpinismo (UIAA), sediada em Genebra - Suíça, estabelece normas para os equipamentos e a segurança dos montanhistas (de uso esportivo).

Existem outras normas que tratam de equipamentos para atividades em altura, como as EN (Normas Europeias), cuja fabricação nessa conformidade, é indicada por um número e pela chancela CE, que significa estar "conforme especificações".



GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

Certificações: Todos os equipamentos, ferramentas, acessórios e outros materiais usados nas atividades envolvendo resgate com cordas devem possuir as certificações determinadas nas especificações bem como controle próprio da corporação em planilha física ou digital.

7. ARMAZENAMENTO DE EQUIPAMENTOS

Os equipamentos de resgate com cordas devem ser armazenados em local próprio, ventilado, longe da umidade e de combustíveis inflamáveis e materiais corrosivos. Este local poderá ser uma sala, um armário ou compartimento da unidade de resgate.

O acondicionamento das cordas também poderá ser feito em mochilas, isso irá oferecer diversas vantagens como proporcionar proteção à corda, facilidade de acondicionamento (bastando acomodar a corda no interior mochila), comodidade de transporte, além da garantia de que, uma vez lançada a mochila, não haverá risco de formação de 'nós' acidentais.

Outra forma que tem se mostrado eficiente é o acondicionamento dos metais em sistema de "menu de joalheiro" dentro de uma mochila, proporcionando assim um saque rápido e a visualização de todos os metais disponíveis.



Figura 1 - Modelo de armazenamento em mochila no sistema menu de joalheiro (Crédito: BV Guaramirim)



Figura 2 - Modelo de armazenamento em mochila no sistema menu de joalheiro (Crédito: BV Guaramirim)

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

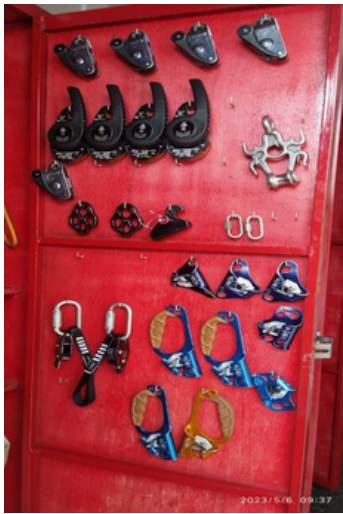


Figura 3 - Modelo de armazenamento em armários (Crédito: BV Caçador)



Figura 4 - modelo de armazenamento em armários (Créditos BV Caçador)

Devido a importância destacada de três destes equipamentos: CORDAS - MOSQUETÕES - CINTOS, esta Guia fará referências e orientações, cabendo aos comandos locais e pessoas responsáveis pela aquisição de equipamentos dentro das corporações, referendar e buscar informações com os instrutores sobre os demais equipamentos adequados e devidamente certificados que podem ser adquiridos diferentes marcas e modelos.

8. CORDAS

As cordas representam o elemento básico do resgate com cordas. Na maioria das situações a corda representa a única via de acesso à vítima ou a única ligação do bombeiro a um local seguro, razão pela qual merece atenção e cuidados especiais.

As cordas são feitas de fibras naturais (algodão, juta, cânhamo, sisal, entre outras) ou sintéticas. Devido às características das fibras naturais, como a baixa resistência mecânica, sensibilidade a fungos, mofo, pouca uniformidade de qualidade e a relação desfavorável entre peso, volume e resistência, apenas cordas de fibras sintéticas devem ser utilizadas no resgate.

8.1 Poliolefinas (polipropileno e polietileno): são fibras que não absorvem água e são empregadas quando a propriedade de flutuar é importante, como por exemplo,

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

SALVAMENTO COM CORDAS

no resgate aquático. Porém, estas fibras se degradam rapidamente com a luz solar e, devido a sua baixa resistência à abrasão, pequena resistência a suportar choques e baixo ponto de fusão, são contraindicadas para operações de resgate em altura (proibidas para trabalhos sob carga).

8.2 Poliéster: as fibras de poliéster têm alta resistência quando úmidas, ponto de fusão em torno de 250°C, boa resistência à abrasão, aos raios ultravioletas e a ácidos e outros produtos químicos, entretanto, não suportam forças de impacto ou cargas contínuas tão bem quanto as fibras de poliamida. São utilizadas em resgate, misturadas com poliamida, em ambientes industriais.

8.3 Poliamida (nylon): boa resistência à abrasão, em torno de 10% mais resistente à tração do que o poliéster, mas perde de 10 a 15% de sua resistência quando úmido, recuperando-a ao secar. Excelente resistência a forças de impacto. Material indicado para cordas de resgate em altura.

8.4 Cordas dinâmicas: São cordas de alto estiramento (elasticidade) usadas principalmente para fins esportivos na escalada em rocha ou gelo. Esta característica permite absorver o impacto, em caso de queda do escalador, sem transferir a ele a força de choque, evitando assim lesões. Sua alma é composta por um conjunto de fios e cordões torcidos em espiral, fechados por uma capa. **Indicada para o autosseguro.**



Figura 5 - capa e alma de corda dinâmica

8.5 Cordas estáticas: Estáticas é um termo comercial, pois são cordas de baixo estiramento (elasticidade) usadas em espeleologia, rapel, operações táticas, segurança industrial e resgate, situações que o efeito “iô-iô” é contra- indicado e em que se desconsidera o risco de impacto por queda. Para tanto, os cordões da alma são paralelos entre si, ao contrário das dinâmicas, em que são torcidos.

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS



Figura 6 - capa e alma de corda estática

8.6 Resistência da corda: A resistência de uma corda é estabelecida como carga de ruptura. A corda deve ter uma carga de ruptura várias vezes maior do que a carga que irá suportar. Esta relação entre resistência e carga é conhecida como fator de segurança. O fator de segurança 5:1 é considerado adequado para transportar equipamentos, mas insuficiente se vidas humanas dependem da resistência da corda, quando adotamos o fator de segurança 15:1.

8.7 Características das cordas de resgate: As cordas de resgate são cordas estáticas (leia-se semi estáticas) com capa e alma e fibras de poliamida. De acordo com a norma NFPA-1983/2001, devem ter diâmetro de 12,5mm e carga de ruptura de 4000 kgf.

8.8 Cuidados com a corda: As cordas são construídas para suportarem grandes cargas de tração, entretanto, são sensíveis a corpos e superfícies abrasivas ou cortantes, a produtos químicos e aos raios solares, por isso, atenção:

Evite superfícies abrasivas, não pise, não arraste e nem permita que a corda fique em contato com quinas desprotegidas;

- Evite contato com areia (os pedriscos podem alojar-se entre as fibras, danificando-as);
- Evite contato com graxa, solventes, combustíveis, produtos químicos de uma forma geral;
- Evite que a corda fique pressionada ("mordida");
- Não deixe a corda sob tensão por um período prolongado, nem tampouco utilize-a para rebocar um carro ou para qualquer outro uso, senão aquele para o qual foi destinada; e
- Deixe-a secar à sombra, em voltas frouxas; jamais deixe-a secando pendurada, jamais ao sol pois os raios ultravioletas danificam suas fibras.

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

8.9 Inspeção da corda: A vida útil de uma corda não pode ser definida pelo tempo de uso. Ela depende de vários fatores como o grau de cuidado e manutenção, frequência de uso, tipo de equipamentos com que foi empregada, velocidade de descida, tipo e intensidade da carga, abrasão física, degradação química, exposição a raios ultravioletas, entre outros.

A avaliação das condições de uma corda depende da observação visual e tátil de sua integridade, bem como de seu histórico de uso.

9.10 Como inspecionar a corda:

Cheque a corda em todo seu comprimento e observe:

- qualquer irregularidade, caroço, encurtamento ou inconsistência;
- sinais de corte e abrasão, queimadura, traços de produtos químicos ou em que os fios da capa estejam desfiados (felpudos);
- o ângulo formado pela corda realizando um semicírculo com as mãos, devendo haver uma certa resistência e um raio constante em toda sua extensão; e
- se há falcaça, se a capa se encontra acumulada em algum dos chicotes ou se a alma saiu da capa.

9. MOSQUETÕES

A NFPA prevê mosquetões de uso geral com trava, em aço e com resistência nominal de 4000Kgf. Mosquetões de uso esportivo (de alumínio, por exemplo) também podem ser utilizados em serviços de resgate, no entanto, em condições de menor esforço ou carga, como em ancoragens auxiliares, auto seguros ou linhas de segurança. Mosquetões para resgate devem suportar cargas elevadas e ter maior abertura para utilização conjunta com outros equipamentos e para prender macas ou estruturas de grande diâmetro ou espessura, jamais devem ser abertos com carga de tensão.

Ao inspecionar o mosquetão, observe toda sua estrutura procurando detectar deformidades, amassamentos ou trincas. Observe ainda o alinhamento entre o bloqueio e o corpo do mosquetão e a tensão da mola da dobradiça. Outrossim, qualquer material metálico que sofra uma queda importante, deve ser descartado.

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

10. CINTOS OU CADEIRINHAS

A NFPA-1983 (edição 2001) classifica os cintos de resgate em três classes:

Classe I - cintos que se ajustam em torno da cintura e em torno das coxas, e são desenhados para fuga de emergência com carga de apenas uma pessoa;

Classe II - cintos que se ajustam em torno da cintura e em torno das coxas dimensionados para carga de resgate; e

Classe III - cintos que, além de ajustarem-se em torno da cintura e coxas, ajustam-se ao tronco por meio de peitoral ou suspensório.

Ao utilizar cadeiras, especial atenção deve ser tomada quanto aos pontos de ancoragem (pontos estruturais) daquele modelo, de modo que não sejam confundidos com os porta-objetos, impróprios para quaisquer ancoragens.

Outro cuidado importante refere-se ao tipo de fivela para fechamento e ajuste da cadeira. Modelos que não tenham estruturas móveis que “mordam” a fita, necessitam que a fita passe pela fivela e retorne em sentido contrário, para que haja o travamento.



Ao executar a inspeção periódica da cadeira, observe todas as fitas e peças metálicas, detectando deformidades, cortes e abrasão anormais, bem como a eficiência das fivelas de fechamento e ajuste e as condições das costuras, normalmente em cores contrastantes com a fita, justamente para conferência deste item.

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

11. DOS MATERIAIS MÍNIMOS NECESSÁRIOS

Os equipamentos mínimos utilizados pelos resgatistas envolvem os materiais suficientes para comunicação, ascensão, descensão e execução de um auto resgate.

Equipamentos de Proteção Individuais (EPI):

- a) Cinto de resgate do tipo paraquedista, com cinco ou sete pontos de ancoragem;
- b) Capacete de segurança;
- c) Óculos de segurança; e
- d) Luvas.

Ferramentas, equipamentos e acessórios:

- a) Lanterna de cabeça;
- b) Descensor auto-blocante;
- c) Mosquetões (1 oval automático, 4 D assimétrico automático);
- d) 1 ascensor de punho;
- e) 1 ascensor ventral;
- f) 1 estribo;
- g) 3 metros de corda de 09 a 10mm (Autosseguro/longe/talabarte);
- h) Malhas rápidas (1 malha rápida oval pequena de 6mm, 1 malha rápida delta 10mm e 1 malha rápida delta pequena 8mm);
- i) 2 cordas 12,5mm de 100m;
- j) 3 cordas 12,5mm de 50m;
- k) 1 corda 12,5mm de 30m;
- l) 2 cordas 12,5mm de 10m;
- m) Maca para resgate tipo cesto;
- n) Maca para resgate tipo envelope;
- o) Trava quedas móvel para resgate; e
- p) Tripé de resgate.

GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO

RESGATE COM CORDAS

12. PROCEDIMENTOS PRÁTICOS DE SEGURANÇA

- Utilize o EPI completo;
- Esteja sempre ancorado;
- Mantenha todos os objetos presos ao seu cinto;
- Confira todo o sistema montado antes de utilizá-lo e peça para um terceiro também conferir (inclusive seu cinto);
- Esteja preparado para a possibilidade de precisar auto resgatar-se;
- Utilize os equipamentos para a finalidade para os quais foram projetados;
- Inspecione os equipamentos sistemática e periodicamente;
- Treine constantemente, não só você, como a equipe.
- Treinamento específico e familiarização com equipamento são fundamentais para diminuir riscos de acidentes;
- Nunca ignore ou menospreze procedimentos de segurança;
- Inspecione o material antes e depois do uso;
- Tenha tranquilidade e calma na execução de manobras e técnicas, a pressa pode conduzi-lo a erros;
- Realize sempre um planejamento da ação a ser executada prevendo materiais e equipamentos, pessoal necessário, trajeto a ser executado, proteções e procedimentos de segurança;
- Avalie sempre o binômio RISCO X BENEFÍCIO para chegar a um equilíbrio;
- Utilize sempre sistemas simples e seguros, Método M.I.S.S. (Mantenha Isto Simples e Seguro).

13. ERROS A SEREM EVITADOS

Fatores que podem desencadear um acidente em altura:

- Conferência de equipamentos não realizada;
- Cordas ou fitas deterioradas
- Falência da ancoragem;
- Pressão do meio ridicularizando a segurança e considerando-a exagerada;
- Pressão por bombeiros em razão do costume e de técnicas desatualizadas;
- Personalidade do bombeiro;
- Urgência na execução devido ao risco iminente;
- Ausência de procedimentos de segurança;
- Não utilização de EPI.



GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL – GPO

RESGATE COM CORDAS

14. OBSERVAÇÃO GERAL

As especificações de equipamentos constantes neste guia visam orientar as corporações quanto às melhores práticas e principalmente para que ofereçam a devida segurança aos bombeiros, atendendo assim normas específicas de RESGATE com cordas. Não se trata de uma imposição para que de forma derradeira troquem seus equipamentos, mas sim, para que na medida em que se deteriorarem ou tornarem-se inoperantes as novas aquisições sejam feitas atendendo aos dispositivos constantes neste guia de procedimentos.

15. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT). **Trabalho em Altura – NR 35**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil – Brasília, 2012.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. Coletânea de Manuais Técnicos de Bombeiros. **Resgate em Altura**. 2022.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA. **Diretriz Operacional N° 32 - Resgate em Altura**. Florianópolis, 2021.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA. **Especificações Técnicas de Resgate em Altura**. Florianópolis, 2020.

RANK, Jefferson. **Resgate com cordas: nível de operações**. – 1. ed. Jaraguá do Sul. Ed. Carreira, 2020.



16. ATUALIZAÇÕES

Esta GUIA DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL - GPO passa por atualização temporal a fim de aprimorar seu conteúdo e a forma de trabalho dos Bombeiros Voluntários no Estado de Santa Catarina. Caso você tenha observações e/ou contribuições poderá enviar ao COTEC por meio da secretaria ABVESC utilizando o e-mail contato@abvesc.com.br com o título "Resgate com Cordas".

